

# FESTAS NICOLINAS EM GUIMARÃES

## Pregão Escolástico

Recitado em 5 de dezembro de 1906

PELO ESTUDANTE

Antonio da Fonseca e Castro

AUTOR

Padre Gaspar Floriz

Em carro d'ouro e rosa a Deusa da sciencia,  
Minerva a quem adora a nossa mocidade,  
Baixou um dia aqui da celica eminencia  
Trazendo no fulgor da sua divindade  
Um sol bem mais brilhante, um sol bem mais fecundo,  
Do que esse a que chamaes, ó filhos da Poesia,  
*Apollo, Astro-Rei, e que illumina o mundo*  
Com essa chuva d'ouro em que se banha o dia.

A Diva percorreu as grandes capitais:  
Viu Roma, viu Veneza e a Lysbia com seu Tejo;  
Viu Ronfe, o Pevidem, a Pisca e os Pombaes...  
Ao ver Guimarães disse:

*«Eis a terra que almejo!  
Palacio encantado! em sonhos de ventura  
Eu vi teu ceo d'anil e alfombras verdejantes!  
Tu és a terra amada, a terra linda e pura,  
Onde mais brilho têm as festas d'estudantes!  
Aqui ficará, pois, da minha divindade  
O brilho intenso e bom, o celico fulgor,  
Que dá luz e calor á vossa mocidade,  
A' intelligenciã luz, ao coração amor!...»*  
Depois a Deusa linda em carro d'ouro e rosa  
Subiu... subiu... subiu á olympica mansão...  
Mas já não ia toda a Deusa generosa:  
Deixou a Guimarães o terno coração.

Bem sabemos, ó Porto, has-de ficar zangado  
Ao vêr quanto é diverso o nosso ao teu destino...  
Tu tens um coração, mas é d'um rei... *soldado*;  
O nosso é bem melhor — é coração mais fino...  
Que inspira o teu, que inspira? Um carnaval brilhante,  
Pois Fenianos tens e tens os Girondinos...  
Mas este inspira mais: inspira o estudante  
Brioso a promover festejos nicolinos.  
E podes procurar, ó Porto, em todo o mundo,  
Onde reina o prazer, onde impera a alegria:  
Oh! não encontras, não, um dia mais jucundo  
Do que de Nicolau o grande e fausto dia!

Mas fique o Porto em paz, em paz os Fenianos...  
Eu quero perguntar aqui, á puridade,  
Aos patriotas bons, aos bons Gualterianos,  
Que vale junto á nossa «Festa da Cidade»?...  
A Festa da Cidade?! A Briosa protesta!  
Oh! dêem-lhe outro nome... outro nome qualquer...  
A festa da cidade é esta, sim, só esta!  
Pode ser Nicolau vencido por Gualter?  
Oh! não!... Minerva disse aos filhos seus dilectos:  
*«Os arcos da Avenida e as illuminações  
Não podem comparar-se aos juvenis affectos  
Que tendes, filhos meus, em vossos corações»*  
A Dousa disse bem.

Esse arco-monumento  
Que fez Abel Cardoso em estylo arabesco  
Não fica a valer nada e perde o merecimento,  
Se formos compara-lo ao mastro gigantesco  
Que se levanta ahí com rama verdejante.  
Mais alto, muito mais, que a Torre de Babel,  
Dizendo ao mundo inteiro: «O genio do estudante  
Faz muito mais além que a inspiração do Abel.»  
E as illuminações por-mais lindas que sejam,  
As grisetas d'outr'ora ou arcos a brilhar,  
Podem nada dizer, mas certamente invejam  
O brilho intenso e bom do nosso terno olhar.  
O' musica de Murcia! O' bandas marciaes!  
Doirados cornetins, rouxinões de metal!  
Da nossa zabumbada eu sei que desdenhaes,  
Pois lhe chamaes até a musica infernal...  
Donzellas, dizei vós, se outra composição  
De Rossini, Gounod—qualquer compositor—  
Vos faz estremecer d'amor o coração  
Como os sons do zabumba e os ruídos do tambor...?

A Festa da Cidade é, pois, a nossa festa  
De todas a mais bella, antiga e popular.  
Ha nella as vibrações da zabumbal orchestra  
E'o eléctrico fulgor dos raios do luar...

O' patriotas bons, ó bons Gualterianos,  
Em todo o caso vós mer'ceis os parabens!  
Com vossa iniciativa, esforços sobrehumanos,  
Pudestes levantar a velha Guimarães.  
João de Mello escuta: em mim ha muita inveja  
Por não ser's de Minerva um filho assim como eu...  
Um homem como tu é pena que não seja  
Ao menos... professor int'rino do lycéu...  
Se o fosses, oh! por certo a festa era maior,  
Assombraria a Terra, o Ceo e o Mar profundo!...  
Havias de ensinar, se fosses professor,  
Que a festa a Nicolau a Festa era do Mundo.  
Havias de ensinar á multidão discente  
Com todo o teu saber, com toda a tua sciencia,  
Como se multiplica assim—honradamente,  
E como se divide assim—com benem'rencia.

Caixeiros attendei: não ha rivalidade  
Que possa separar os nossos corações.  
Caixeiros, como a nossa é a vossa mocidade:  
Deixae-nos tambem ir dar vivas aos patrões...  
O chafariz d'outr'ora, o tanque do Toural,  
Que a vossos paes vedou a festa da Briosa,  
Cedeu o seu logar a essa fonte ideal  
Chamada do Progresso a fonte luminosa.  
Debalde no jardim o vosso olhar procura  
A fonte em que vos falo, ó mocidade em flor!  
A agua que esta tem é o pranto da Ventura,  
O coração é o foco, a luz intensa o Amor.  
Banhe-mos nessa fonte a nossa mocidade!...  
Na festa a Nicolau, amigos, não entraes;  
Mas num abraço bom de confraternidade  
Luctemos em common por nobres ideias.  
Ha um cuja diff'rença, amigos, não distingo;  
Os nossos corações sentem d'igual maneira:  
Por que é que vós luctaes?—*Descanço do domingo*;  
Que reclamamos nós?—*Friado á quinta-feira*...

Senhoras, perdoe estas divagações...  
A festa é para vós, filhas de Guimarães!  
D'amor palpitam hoje os vossos corações...  
Assim aconteceu a vossas santas mães.  
De Nicolau no dia, alegres, delirantes,  
Quando seguia Apollo a estrada da manhã,  
As vossas santas mães das mãos dos estudantes  
Vinham arrear a posse da maçã.  
Os annos têm passado... e a nova geração  
Seguindo o uso antigo, a posse secular,  
Em troca da maçã—o pómo lindo e bom—  
Um raio vem pedir do vosso terno olhar.  
Que não o ha mais doce, oh! não, nem mais jucundo  
Os vossos olhos dão realce á formosura!  
São astros a brilhar, illuminando o mundo;  
São 'spelhos a mostrar quanto vossa alma é pura!  
Não ha nação que exceda, ó Patria Portuguesa,  
A formosura ideal das filhas que tu tens!  
O' loiras d'Albion! Caucasicas bellezas!  
Vencidas sereis sempre aqui, em Guimarães!...  
A posse é, pois, para vós, donzellas, damas nobres.  
Mas, porqué nos aquece o bom sol da equaldade,  
Tambem, filhas do povo, ó raparigas pobres,  
Podeis-vos junctar hoje ás damas da Cidade.  
A todas a Briosa em festa no grande dia  
Que traz a Guimarães fulgores do Paraíso  
Dará a posse antiga em estas d'alegria  
Pedindo-vos em troca, ó bellas, um sorriso.

Quem anda por ahí?!... Silencio sepulcral!  
O mundo adormeceu ouvindo o meu pregão...  
Levante-se um estrondo immenso, collossal,  
Que possa semelhar ribombos de trovão.  
O' Mocidade! O' Vida! acorda, acorda a Morte!  
Ordeno que a baqueta em vossas mãos se agite,  
Tirando do zabumba estrondo rijo e forte,  
Mais forte que um canhão que tenha Himalayite!  
A tiros de zabumba, a ruídos de tambor,  
Abale-se hoje a Terra, o Ceo e o Mar profundo!  
Avante, socios meus, ó Mocidade em flor:  
Annunciae a festa a Guimarães e ao mundo!...